

CENÁRIO PARA UM DILEMA DE SEGURANÇA INSTIGADO PELOS EUA

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A Eurásia enfrenta uma dinâmica geopolítica: alianças lideradas pelos EUA confrontam Rússia, Índia e China; o formato RIC impulsiona a multipolaridade contra tentativas americanas de “restabelecer a dissuasão” e hegemonia.

Os Estados Unidos estão enviando sinais contraditórios sobre a [Entente Sino-Russa](#), fortalecida pelo acordo do gasoduto [Power of Siberia 2](#), depois que Trump afirmou, em setembro, que “não estava preocupado” com ela, enquanto o secretário de Guerra, Pete Hegseth, alegou ter recebido ordens para “[restabelecer a dissuasão](#)” contra esses países. Como foi argumentado em [Trump 2.0’s Eurasian Balancing Act Has Failed](#), em grande parte como resultado desse desenvolvimento, que envolveu, de forma importante, a aprovação tácita da Índia em meio à sua [reaproximação com a China](#).

Longe de permanecerem divididos, principalmente em relação à China e à Índia, com todas as complicações que a rivalidade contínua entre elas acarretaria para o equilíbrio estratégico da Rússia, os três [Estados civilizatórios](#) mais poderosos da Eurásia estão se unindo cada vez mais para reativar o formato Rússia-Índia-China (RIC), que estava adormecido. Essa plataforma é significativa por si só, mas também é crucial para o núcleo do BRICS e da OCS, que desempenham papéis complementares na transformação gradual da governança global, conforme explicado aqui.

Esses processos multipolares acelerados pelo RIC não podem ser combatidos pela força militar direta, mas a maneira pela qual o Pentágono pode tentar desacelerar tudo isso é provocando corridas armamentistas. Os reforços militares apoiados pelos EUA na OTAN, no [Paquistão](#) e no “Crescente Asiático/de Contenção” (Japão-Taiwan-Filipinas) – parcial

no caso do Paquistão – poderiam contribuir para isso em relação à Rússia, Índia e China, assim como o reforço da presença militar dos EUA (ou um retorno formal, no caso do Paquistão) em cada um desses países.

Da mesma forma, a “[Cúpula Dourada](#)”, o posicionamento de mísseis de alcance intermediário em suas regiões e a maior militarização do espaço sideral podem exercer pressão adicional sobre Rússia e China nesse sentido, embora essas medidas também possam ter efeito contrário, fortalecendo a coordenação técnico-militar entre os dois países. É importante ressaltar que Rússia e China não são aliadas que entrariam em guerra uma pela outra, mas seus interesses estratégicos e de segurança militar compartilhados aumentam as chances de que ofereçam apoio mútuo em tempos de guerra.

Até o momento, a China tem evitado enviar ajuda técnico-militar à Rússia devido à sua complexa interdependência com o Ocidente, mas a guerra tarifária de Trump, sua acusação de que o presidente Xi Jinping está “[conspirando](#)” contra os EUA e os planos do Pentágono para o “Crescente Asiático/de Contenção” podem levar a uma reavaliação. De maneira semelhante, a Rússia pode se sentir confortável em compartilhar [conhecimento técnico-militar de ponta](#) com a China para contrabalançar as ações dos EUA no [Japão](#), o que poderia se estender também à Coreia do Norte, seu aliado em comum.

Embora a [maior parte](#) do equipamento técnico-militar do Paquistão venha da China, os EUA podem entrar nesse mercado se as exportações chinesas diminuïrem devido à reaproximação sino-indiana, o que também poderia levar a uma redução das exportações americanas para a Índia e à necessidade de substituí-las por exportações para o Paquistão. A Rússia poderia até mesmo recuperar seu papel tradicional como principal fornecedora da Índia, de longe, se as exportações para o país aumentarem em resposta ao aumento das exportações americanas para o Paquistão, em uma espécie de renascimento da dinâmica militar da Guerra Fria na região.

Toda essa dinâmica estratégica prepara o terreno para um dilema de segurança entre a Orla Eurasiática (OTAN, Paquistão e o “Crescente Asiático/de Contenção”) e o Coração Eurasiático (RIC), instigado pelos EUA para “*restabelecer a dissuasão*” em relação à Entente Sino-Russa. O objetivo é pressionar um deles, ou seu parceiro comum, a capitular perante os EUA, para então dividir e governar o supercontinente de forma mais eficaz. Essa trama hegemônica definirá a geopolítica da Eurásia no século XXI.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
